

A Mulher e a Saúde: Origens Psíquicas, Sociais e Iatrogênicas das Enfermidades Femininas

José Ortiz C. Neto*

A grande maioria das mulheres que possuem perturbações ginecológicas (alterações menstruais, infecções, inflamações nos órgãos genitais, corrimentos, gestação difícil, dificuldades no parto etc.) padece de distúrbios emocionais, geradores de tais enfermidades, porém, assim como o homem, a mulher pode sofrer tanto dessas doenças psicossomáticas (causadas por perturbações psíquicas), quanto psicossociais (geradas por maus hábitos de vida, condições socio-econômicas desfavoráveis) e iatrogênicas (oriundas da medicina).

Entre estas últimas estão as enfermidades cardiovasculares, que incluem infarto do miocárdio e derrame cerebral, pois entre os fatores de risco que comprometem a saúde do coração estão “os contraceptivos” (ou anticoncepcionais, chamados de “pílulas”) e a “reposição hormonal”. (1)

Um fato muito significativo é que de três décadas para cá os infartos do miocárdio, (antes predominantemente doenças de idosos do sexo masculino) passaram a atingir intensamente as

*Jornalista, escritor, psico-sócio-terapeuta, conferencista internacional e pós-graduado em gestão da Psico-sócio-patologia. Professor de redação e português para estrangeiros no Instituto de Línguas Millennium, em São Paulo. Entrevistador e comentarista dos programas de TV STOP a destruição do mundo e O Homem universal, transmitidos em 88 países por 200 canais. Jornalista responsável do jornal STOP a destruição do mundo, com 300 mil exemplares distribuídos trimestralmente em São Paulo-SP

mulheres, com ataques muito mais violentos que nos homens.

No Brasil já morrem mais mulheres de doenças cardiovasculares do que pessoas do sexo masculino, noticiou o jornal Vida Integral, com base na revista norte-americana Time, de 28 de abril. (2) A doença cardíaca é hoje a causa mortis número 1 das mulheres americanas, superando o câncer de mama, segundo a publicação – e a mulher tem 50% de chances de morrer vitimada pela primeira ocorrência, comparada com 30% de chances do homem.

De acordo com os estudos, ouvidos pelo periódico, as mudanças de hábitos também contribuem para uma debilitação da saúde da mulher, além do consumismo de medicamentos, operações plásticas, reposição hormonal, lipoaspiração, cirurgias etc., bastante procurados pelo público feminino. “Nos últimos anos, a mulher alterou seu comportamento, saiu para o mercado de trabalho para conquistar espaço, lutando de igual para igual com os homens e modificou seus hábitos de vida”, alerta o dr. Antonio Carlos Palandri Chagas, presidente da SOCESP (Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo).

“Além disso, as mulheres estão fumando mais do que os homens e as fumantes têm seis vezes mais chances de sofrer um infarto do que as não-fumantes. A associação de tabagismo com pílula anticoncepcional anula o efeito protetor do hormônio feminino e o risco pode ser até trinta vezes maior, segundo estudo da Escola de Saúde Pública da Universidade de Boston, nos Estados Unidos”, diz ele.

Essa mudança de hábitos, segundo Cláudia B. S. Pacheco, no livro Mulheres no Divã, não foi tanto para melhorar seu estilo de vida, antes confinado ao lar, mas para imitar o homem em seus aspectos mais doentios:

“Ultimamente a mulher vem se rebelando contra a situação de domínio econômico-social que o homem sempre manteve sobre ela. O pacto inicialmente feito de divisão de reinados (a mulher dentro de casa e o homem fora, na sociedade) mostrou-se insatisfatório para a mulher. (...) Recomeçou ela pouco a pouco a reivindicar posições de que anteriormente abria mão por julgar tal fato vantajoso. (...) Mas o que e para que a mulher reivindica? (...) Ela quer “poder” tudo o que o homem “pode”, mas no sentido fantasioso, psicopatológico. (...) A mulher quer ser livre para poder realizar toda

loucura que o homem realiza: poder, dinheiro e prestígio”.

Daí o adocimento mais intenso de que sofre hoje a mulher, pois carrega os dois tipos de patologia psíquica: a feminina e a masculina.

“Quem sustenta a economia consumista é a mulher. Se computarmos tudo que elas gastam em superficialidades, ficaremos assustados com o resultado; de antemão podemos garantir que o montante em dólares se aproxima do orçamento da indústria bélica”, afirma Pacheco. Isso, com toda certeza, é válido também para o consumismo de medicamentos.

Consumindo Doenças

A denominação “doença iatrogênica” deriva da palavra *iatron*, que na Antiga Grécia, referia-se ao local onde os médicos tratavam dos doentes e ensinavam a Medicina. *iatron* significa “oficina médica”, e Hipócrates menciona essas oficinas em um de seus livros. Assim, todas as doenças que a atividade médica provoca nos pacientes, receberam o nome de doenças iatrogênicas.

Curiosamente, foi com um remédio destinado às mulheres gestantes que as moléstias iatrogênicas causadas por meio de fármacos tiveram grande enfoque, ou seja, depois de que se descobriram os efeitos destrutivos da talidomida.

Esse medicamento é um antidepressivo que foi largamente receitado no primeiro trimestre da gravidez. Como resultado do uso desse psicotrópico, milhares de crianças nasceram defeituosas, com más formações congênicas e foram registrados numerosíssimos casos de bebês nascidos sem os antebraços.

Modernamente, entre os medicamentos mais recentes, ricos em efeitos colaterais e largamente receitados, estão os anovulatórios (anticoncepcionais). A princípio foram anunciados intensamente como sendo bastante inofensivos, entretanto muitos médicos desde seu lançamento até hoje se mostram bastante preocupados em limitar o emprego das famosas pílulas, que não se apresentam em forma apenas de drágeas, mas também de injetáveis, ou implantes sob a pele.

“Comunicado: A Eurofarma vem a público informar que suspendeu temporariamente a venda do contraceptivo injetável enadrato de noretisterona + valerato de estradiol e está recolhendo o produto das farmácias e distribuidores. A decisão foi tomada em função de alguns relatos de pacientes sobre reações adversas no local da aplicação (...) O recolhimento voluntário do produto já foi notificado à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Farmácias e consumidores que tiverem o medicamento devem entrar em contato com a Central de Atendimento Eurofarma”

(Comunicado Oficial publicado no jornal Folha de São Paulo, Caderno A-13 Brasil sexta-feira, 2 de dezembro de 2005).

Em recente boletim, a Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família compilou alguns dos efeitos colaterais que podem advir das pílulas, dos implantes e injetáveis. Entre mas muitas dezenas estão: 1) gravidezes ectópicas (fora do útero); 2) esterilidade por atrofia ovariana; 3) transtornos circulatórios e coagulação do sangue que causam acidentes de trombozes, embolias e infartos nos diferentes órgãos, podendo levar à morte.

“Mal(e) Practice”

Um médico que nos deu bastantes informações sobre o histórico das famosas “pílulas” foi Robert S. Mendelsohn. Em seu livro *Mal(e) Practice*, (que poderia ser traduzido como “Má Prática do Macho”, em que mostra os estragos sofridos pelas mulheres nas mãos de profissionais homens da Medicina), ele afirma estranhar que o FDA (órgão que controla a produção de remédios e alimentos nos EUA) tenha aprovado o uso da pílula sem ter apresentado qualquer prova científica de que era segura para uso humano.

Segundo ele, os estudos da FDA, estranhamente foram “descuidados” e “inadequados”. Revela que em um desses estudos foram utilizadas 132 mulheres de Porto Rico como cobaias (as quais tomaram pílulas por um ano ou mais) sendo que cinco delas morreram durante esforço para encontrar o motivo.

Mendelsohn afirma que depois que as pílulas foram introduzidas no mercado, os médicos começaram a observar que as mulheres

utilizadoras apresentavam uma alta incidência de câncer da cerviz, útero, mamas e fígado, ataques cardíacos, embolismo pulmonar, diabetes, hipertensão, perda de cabelo, esterilidade etc. (doenças já mencionadas). Por isso, concluiu o autor:

“Os participantes da sinistra conspiração da pílula continuam a justificar seu comportamento dizendo que os fins (controle da natalidade) justificam os meios. Os doutores, que são os maiores culpados, porque têm o poder de parar de prescrever pílulas, defendem o uso, dizendo que a pílula é mais segura do que a gravidez. O fato, porém, é que a taxa de mortalidade da pílula – quando todos os seus efeitos fatais são combinados – é infinitamente maior do que o risco de morte por gravidez”. (3)

Considera ainda o autor que: “Ainda que (o contrário) fosse verdade, tal argumento não faria senso. Outros meios seguros, igualmente confiáveis, de contracepção estão disponíveis para prevenir a gravidez”.

Em inúmeros países, autorizou-se a compra das pílulas até sem receita médica, e algumas multinacionais farmacêuticas conseguiram que sejam adquiridas em larga escala pelos governos, para serem distribuídas gratuitamente à população. Tal fato, obviamente, só pode contribuir para empobrecer os países e avolumar a pandemia das doenças iatrogênicas, verdadeira Peste Negra dos séculos XX e XXI.

Muitos remédios para gestantes já foram proibidos e retirados do mercado. Mas vejamos que muitos dos medicamentos livremente comercializados hoje também serão proibidos um dia, enquanto perdurar a “filosofia” de tratar da doença e não do doente, de modo integral.

Referências

- (1) COLAVITTI, Fernanda. Quanto mais cedo melhor. (Entrevista com um renomado cardiologista). Internet. Revista Galileu. Ed. 171, setembro, 2005.
- (2) VIDA INTEGRAL, 6/12/05. Doenças Cardíacas Matam Mais Mulheres do que Todos os Cânceres Juntos.

- (3) MENDELSON, Robert. S. Mal(e) Practice – How doctors manipulate women, New York, 1982
- (4) PACHECO, Cláudia. As Mulheres no Divã. Próton Ed. São Paulo. 1987
- (5) PACHECO, Cláudia. A Cura Pela Consciência. Proton Editora. 2001